

## QUE AMOR É ESSE?!

---



"Porque Deus **amou** tanto o mundo<sup>1</sup> que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3.16 – Nova Versão Transformadora)

A passagem bíblica acima é uma das mais conhecidas da Bíblia. Diariamente ela é copiada, lida ou recitada por milhares de pessoas ao redor do mundo. Contudo, pelo fato do versículo ser mencionado exaustivamente, muito do seu significado com o tempo deixou

de ser percebido. A razão é que o texto bíblico passou a ser visto como simples citação bíblica, sem relevância prática para os dias atuais. Como consequência, muitas pessoas simplesmente deixaram de refletir sobre o profundo significado das suas palavras. Quando questionadas, a maioria não sabe explicar que tipo de amor é esse que Deus tem por nós, e nem como esse amor se manifesta.

O Evangelho de Jesus Cristo, segundo a narrativa de João, tem como objetivo principal demonstrar, por meio do registro de sinais, a divindade do Senhor Jesus Cristo e apresentá-Lo como o Filho de Deus. Em seus escritos João afirma que o registro que fez dos milagres de Jesus, foi com o intuito de que seus leitores "*creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo nele, tenham vida pelo poder do seu nome*" (cf. João 20.31). A maioria deles era adepta a certas filosofias<sup>2</sup> e acreditava que Deus não poderia ter entrado fisicamente no mundo material<sup>3</sup> e, portanto, Jesus não foi uma pessoa real<sup>4</sup>. João, então, demonstra por meio da narrativa de diversos milagres, que o Jesus histórico crucificado é o prometido de Deus através dos profetas, e que os judeus da sua época não precisavam cometer o mesmo erro dos seus antepassados, se recusando a crer.

---

<sup>1</sup> Na Bíblia, mais especificamente no Novo Testamento, o termo "mundo", do grego κόσμος (*kósmos*), pode significar tanto os "*habitantes da terra, a família humana*" (cf. João 3.16), como também o "*conjunto das coisas terrenas*" (cf. 1João 2.15).

<sup>2</sup> **Filosofia** corresponde, de modo vago e geral, ao conjunto de ideias, valores e práticas pelos quais uma sociedade apreende e compreende o mundo e a si mesma, definindo para si o tempo e o espaço, o sagrado e o profano, o bom e o mau, o justo e o injusto, o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o possível e o impossível, o contingente e o necessário.

<sup>3</sup> Havia no período neotestamentário uma corrente filosófica [chamada **gnosticismo**] que defendia a ideia de que Deus é demasiado grande e demasiado santo para entrar fisicamente no mundo material com toda a sua baixeza e corrupção. Os gnósticos identificavam a matéria com o mal. Para eles Deus sendo espírito, não podia ter influência com o mal, ou seja, com a matéria.

<sup>4</sup> Na mesma época outra corrente filosófica [chamada **docetismo**] pregava o conceito de que se a matéria é má, logo Cristo não podia ter corpo humano. O homem Jesus, era na verdade, uma sombra ou fantasma, com aparência de corpo material, mas sem qualquer substância real. Para os docetistas, Cristo tomou o corpo humano de Jesus por pouco tempo, entre o batismo do homem Jesus, e o começo de seu sofrimento na cruz.

No capítulo 3 do Evangelho narrado por João, o fato de Jesus operar milagres era algo indiscutível. Tais realizações fizeram com que Ele fosse procurado por um fariseu<sup>5</sup> chamado Nicodemos (cf. 3.1-2). Durante a conversa com o líder religioso, Jesus falou sobre o preço elevadíssimo pago por Deus para disponibilizar a vida eterna à humanidade (cf. 3.13-17). No diálogo com Nicodemos (cf. 3.14-15), Ele fez menção ao episódio da serpente de bronze levantada por Moisés no deserto a fim de propiciar salvação aos israelitas que tinham sido picados por serpentes (cf. Números 21.9). Na ocasião, o povo de Israel se tornara impaciente (v. 4) e se queixava de Deus e de Moisés (v. 5). Os israelitas chegaram ao ponto de chamar o Maná<sup>6</sup> de “*pão miserável que gerava enjoo*”. Deus, então, “*enviou serpentes venenosas que morderam o povo, e muitos morreram*” (v. 6). Mas após Moisés interceder em favor do povo (v. 7), Deus disse: “*Faça a réplica de uma serpente venenosa e coloque-a no alto de um poste. Todos que forem mordidos viverão se olharem para ela*”. *Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou no alto de um poste. Quem era mordido por uma serpente e olhava para a réplica de bronze era curado*” (vv. 8-9). Por que Deus optou por preservar a vida de uma nação rebelde, ingrata e blasfemadora? A resposta é: Porque Ele amou. Da mesma forma, por que Deus enviou o seu Filho unigênito e permitiu que Ele fosse levantado [crucificado] em favor de pessoas rebeldes, ingratas e blasfemadoras? Porque Deus amou. Mas **que amor é esse?**

A mudança de tom entre os versículos 14 e 16 sugere que o texto que segue a partir do versículo 16 se trata de comentário do próprio escritor do Evangelho. Na passagem bíblica, para o termo “amor”, o apóstolo João utiliza o vocábulo grego *ἀγάπη* (*ágape*), que significa “*ato sacrificial em favor de outrem*”. Este é o amor que se move pelas necessidades do outro, sem pensar nos próprios interesses. É um amor que deseja arriscar tudo por alguma vantagem para outra pessoa, isto é, que não considera nenhum preço muito alto se outra pessoa puder receber algum benefício.<sup>7</sup> O termo pode muito bem servir como sinônimo de “sacrifício”. Portanto, “amar” não é questão de afetividade. Mas é ação que envolve a nossa conduta (cf. 1Coríntios 13). Amor, do grego *ἀγάπη* (*ágape*), descreve como nos comportamos, não como nos sentimos. Amar é dar ao próximo o que ele precisa e não apenas o que ele merece. O fato de Deus amar o mundo não significa que Ele aprova a má conduta dos seres humanos. Mas indica que, embora odeie o mal, Deus deseja a felicidade daqueles que são pecadores.

Observe a declaração do apóstolo João em sua primeira epístola: “*Deus mostrou quanto nos amou ao enviar seu único Filho ao mundo para que, por meio dele, tenhamos vida. É nisto que*

<sup>5</sup> **Fariseu** é o nome dado a um grupo de judeus devotos à Torá, surgidos no século II a.C.. Criam em uma Lei Oral, em conjunto com a Lei escrita, e foram os criadores da instituição da sinagoga.

<sup>6</sup> **Maná** era alimento produzido milagrosamente e fornecido por Deus ao povo Israelita, durante toda jornada no deserto rumo à terra prometida. Após a evaporação do orvalho formado durante a madrugada, aparecia algo miúdo, flocoso, como a geada, branco, descrito como semente de coentro. Geralmente era moído, cozido, e assado, e transformado em bolos. Diz-se que seu sabor lembrava bolachas de mel, ou bolo doce de azeite.

<sup>7</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1.115 p

consiste o **amor**: não em que tenhamos **amado** a Deus, mas em que ele nos **amou** e enviou seu Filho como sacrifício<sup>8</sup> para o perdão de nossos pecados. Amados, visto que Deus tanto nos **amou**, certamente devemos **amar** uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus. Mas, se **amamos** uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu **amor** chega, em nós, à expressão plena” (1João 4.9-11 - NVT).

Na passagem bíblica acima, podemos tranquilamente substituir a palavra “amor” pelo vocábulo “sacrifício”, o que deixaria o texto bíblico com a seguinte redação: “Deus mostrou quanto se **sacrificou por nós** ao enviar seu único Filho ao mundo para que, por meio dele, tenhamos vida. É nisto que consiste o **sacrifício**: não em que tenhamos **nos sacrificado** a Deus, mas em que ele se **sacrificou por nós** e enviou seu Filho como sacrifício para o perdão de nossos pecados. Amados, visto que Deus tanto se **sacrificou por nós**, certamente devemos **nos sacrificar** uns pelos outros. Ninguém jamais viu a Deus. Mas, se **nos sacrificarmos** uns pelos outros, Deus permanece em nós, e seu **sacrifício** chega, em nós, à expressão plena”.

A origem e a iniciativa de toda salvação se encontram em Deus. Às vezes o cristianismo é apresentado como se Deus fosse alguém que precisasse ser apaziguado, como se tivéssemos que convencê-Lo a perdoar. Em algumas ocasiões os homens falam como se quisessem pintar uma imagem de Deus como alguém severo, iracundo, que não perdoa, legalista. Por outro lado, Jesus é sempre retratado como amoroso, gentil, que perdoa tudo. Mas o Deus Pai e o Deus Filho são um (cf. João 10.30; 17.22). Às vezes alguns apresentam a mensagem cristã de tal maneira que soa como se Jesus tivesse feito algo que mudou a atitude de Deus para com os homens, da condenação ao perdão. Mas este texto nos diz que tudo começou em Deus. Foi Deus quem enviou o seu Filho, e O fez porque amava os homens. Por trás de todas as coisas está o amor de Deus. Porém, como disse certa vez o teólogo norte-americano Donald Grey Barnhouse (1895–1960), “o amor de Deus não é uma bondade natural permissiva como muitos imaginam e por isso o arrastam na lama; é rigidamente justa e por esse motivo Cristo morreu”.

Deus optou por amar sacrificialmente os pecadores e expressar Seu amor por meio do auto sacrifício. Cristo encarnado e crucificado dá significado eterno à frase “Deus é amor” (cf. 1João 4.8). O tempo aoristo do verbo indica que o ato de amor de Deus não é limitado pelo tempo e simultaneamente é único e completo. É o amor absoluto! No entanto, **o amor de Deus deve ser recíproco**. Somente aqueles que respondem e recebem o presente de Deus em Cristo podem desfrutá-lo. Além disso, quando o recebem, sua resposta inevitavelmente é a de retribuir o seu amor a Deus, conforme as palavras do Senhor Jesus: “**Aqueles que aceitam meus mandamentos e lhes obedecem são os que me amam**. E, porque me amam, serão amados por meu Pai. E eu também os amarei e me revelarei a cada um deles.... Quem não me ama não me obedece...” (João 14.21, 24).

<sup>8</sup> **Sacrifício**. Do grego, ἱλασμός (*hilasmós*), significa “*expição, propiciação, conciliação, aplacamento*”, “*um meio pelo qual o pecado é coberto e remido*”.

Dentre os muitos mandamentos que o Senhor Jesus nos deixou, com o intuito de provarmos o nosso verdadeiro amor por Ele, um particularmente se destaca:

"Agora eu [Jesus] lhes dou um novo mandamento: **Amem** uns aos outros. Assim como eu os **amei**, vocês devem **amar** uns aos outros. Seu **amor** uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos [...] Este é meu mandamento: **Amem** uns aos outros como eu **amo** vocês. Não existe **amor** maior do que dar a vida por seus amigos. Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu ordeno." (João 13.34-35; 15.12-14 – Nova Versão Transformadora)

Uma vez demonstradas a natureza e a profundidade do amor [sacrifício] de Deus por nós, o Senhor Jesus ordena aos seus seguidores a reprodução desse amor, sem o qual não há como o discípulo de Cristo ser identificado. Na passagem bíblica, se substituirmos “amor” por “sacrifício”, como fizemos anteriormente em outro trecho, o texto bíblico ficará com a seguinte redação:

"Agora eu [Jesus] lhes dou um novo mandamento: **Sacrifiquem-se** uns pelos outros. Assim como eu **me sacrifiquei** por vocês, vocês devem **se sacrificar** uns pelos outros. Seu **sacrifício** uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos [...] Este é meu mandamento: **Sacrifiquem-se** uns aos outros como eu **me sacrifiquei** por vocês. Não existe **sacrifício** maior do que dar a vida por seus amigos. Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu ordeno. "

Amar alguém, para algumas pessoas, pode ser considerada uma missão relativamente fácil. Mas amar como Deus amou, de forma sacrificial, incondicional e absoluta, é um tremendo desafio. Ainda mais porque, no final, para Deus o que importará não é o quanto cantamos, o quanto discursamos ou o quanto conquistamos. O tamanho do nosso prestígio perante Deus estará no quanto nós amamos. **A verdadeira liberdade se realiza na escravidão – a escravidão do amor.** A identidade de todo cristão genuíno é o amor [sacrificial].

Toda a criação de Deus veio à existência com o objetivo de servir a um propósito. O ser **mineral** serve ao ser vegetal, que extrai dele os nutrientes para sobreviver. O ser **vegetal** serve ao ser animal, que extrai dele os nutrientes para sobreviver. O ser **animal** serve ao ser humano, que extrai dele os nutrientes para sobreviver. O ser **humano** serve... a si mesmo e extrai, de seus semelhantes, a energia vital deles. Muitas vezes, ao contrário dos ensinamentos do Senhor Jesus, deixamos de andar pelo Espírito (cf. Gálatas 5.16), deixamos de servir uns aos outros, e passamos a nos servir uns dos outros. Veja o que o apóstolo Paulo registrou em sua epístola aos cristãos da Galácia:

"Porque vocês, irmãos, foram chamados para viver em liberdade. Não a usem, porém, para satisfazer sua natureza humana. Ao contrário, usem-na para **servir uns aos outros em amor**. Pois toda a lei pode ser resumida neste único mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’ [cf. Levítico 19.18]. Mas, se vocês **estão sempre mordendo e devorando uns aos outros**, tenham cuidado, pois correm o risco de se destruírem [consumirem]" (Gálatas 5.13-15 – Nova Versão Transformadora)

Na passagem bíblica acima, Paulo alerta a comunidade sobre o perigo de autodestruição por se subtraírem uns dos outros no que tange os relacionamentos interpessoais. O apóstolo utiliza, propositadamente, três verbos que atuam de maneira interligada. Os verbos são: a) **morder**, do grego δάκνω (*dáknō*), que é usado metaforicamente para aludir a “ferir a alma” ou a “se rasgar com repreensões”; b) **devorar**, do grego κατασθίω (*katesthíō*), que significa “estraçalhar”; e c) **consumir**, do grego ἀναλίσκω (*analískō*), que significa “destruir, aniquilar” e é metaforicamente usado, sobretudo em mau sentido, acerca da destruição de pessoas.<sup>9</sup>

Os verbos “morder”, “devorar” e “consumir” formam um clímax. Os dois primeiros descrevem um processo. O último, o ato de engolir.<sup>10</sup> Estes verbos sugerem animais selvagens engajados em uma luta mortal.<sup>11</sup> Dão indicação de devastação completa e absoluta. Por mais regras ou parâmetros que igrejas ou famílias venham a adotar, nenhuma delas poderá obrigar as pessoas a se entenderem. A menos que o Espírito Santo tenha permissão de encher o coração delas com o amor [sacrificial] de Deus, o egoísmo e a competição tomarão conta das congregações e dos lares. Mas o Espírito Santo não trabalha no vácuo. Ele usa a **Palavra de Deus**, a **oração**, a **adoração** e a **comunhão dos cristãos** para nos edificar em Cristo. Nos dias atuais, essas “ferramentas espirituais” são negligenciadas por grande parcela da população brasileira que se intitula “cristã evangélica”. Grande parte dos evangélicos brasileiros “se convertem” através de artistas e músicas gospel. Daí se tira base de onde vem tanto analfabetismo bíblico, descaso com a Palavra e apostasia. Ainda assim, tal realidade não exime as igrejas evangélicas de culpa. Isso porque, muitas delas, abrigam em seu interior falsos mestres, falsos guias, que conduzem o seu rebanho por outro caminho, que não é o de Cristo (cf. João 14.6). O próprio Senhor Jesus Cristo alertou os seus seguidores sobre a possibilidade de falsos guias caminharem junto às ovelhas e os resultados que tal realidade produziria junto ao rebanho:

*"Eu lhes digo a verdade: quem **entra no curral das ovelhas às escondidas**, por sobre a cerca, em vez de passar pela porta, é certamente ladrão e assaltante! Mas quem **entra pela porta** é o pastor das ovelhas. [...] Eu lhes digo a verdade: eu sou a porta das ovelhas. Todos que vieram antes de mim eram ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram. Sim, eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo. Entrará e sairá e encontrará pasto. O ladrão vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para lhes dar vida, uma vida plena, que satisfaz."* (João 10.1-2, 7-10 – Nova Versão Transformadora)

Repare que tanto o bom pastor [Jesus] como os ladrões e assaltantes [falsos guias] têm acesso às ovelhas. A diferença está na intenção de cada um. Enquanto o ladrão quer matar, roubar e destruir, Jesus quer dar “*dar vida, uma vida plena, que satisfaz*”. Por quê? Porque Deus amou!

<sup>9</sup> VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 499, 800 p.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 560.

<sup>11</sup> RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Trad. Gordon Chown & Júlio Paulo Teixeira Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995. 382 p.